

A woman is seen from the back, wearing a long, flowing red gown with a large ruffled collar and a row of buttons down the center. She is standing in a room with blue, patterned wallpaper. The lighting is dramatic, highlighting the texture of the fabric and the pattern of the wall.

*Os* OITO  
VESTIDOS  
DIOR

JADE BEER



# Os oito vestidos Dior

JADE BEER

Tradução  
Cássia Zanon



Copyright © 2023 by Jade Beer Publishing Ltd.

TÍTULO ORIGINAL

The Last Dress from Paris

COPIDESQUE

Isadora Prospero

REVISÃO

Bruna Neves

Iuri Pavan

DIAGRAMAÇÃO

Victor Gerhardt | CALLIOPE

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

---

B362o

Beer, Jade

Os oito vestidos Dior / Jade Beer ; tradução Cássia Zanon. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.

Tradução de: The last dress from Paris

ISBN 978-65-5560-845-8

1. Ficção inglesa. I. Zanon, Cássia. II. Título.

22-81430

CDD: 823

CDU: 82-3(410)



---

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

# PRÓLOGO

## Christian Dior, avenida Montaigne

Setembro de 1952

Alice abaixa um pouco a janela do banco traseiro do Chrysler. Ela espera que a lufada de ar frio a acorde, distraíndo-a de si mesma e fazendo-a perceber o quanto é sortuda. Sabe que muitas mulheres dariam tudo por convites como esse.

As inúmeras conversas sobre a lista de convidados da Dior em sua sala de estar só confirmaram isso.

— Infelizmente, talvez a senhora precise caminhar um pouco, madame Ainsley. — Alice se sobressalta ao ouvir seu novo título. — Algum problema? São tantos carros que não consigo chegar mais perto.

— Não, não é um problema.

Alice salta do Chrysler, se despede do motorista — uma das vantagens oferecidas à esposa do embaixador britânico na França — e começa a percorrer a calçada até a casa de Dior.

Em alguns instantes, ela estará cercada por dezenas de mulheres ricas e bem relacionadas. Já consegue vê-las em grupinhos do lado de fora como insetos atormentados, fumando, cumprimentando umas às outras, fechando-se na comunidade restrita da qual esperam que ela faça parte. Mas, conforme Alice se aproxima, tudo o que sente é a

espiral competitiva de mulheres que querem mais de tudo. Nada que não seja o melhor.

Ela atravessa as portas duplas pretas e polidas e levanta o nariz. Tinta fresca. As paredes do salão devem ter sido decoradas durante a noite, em preparação para o desfile de hoje. Faz uma pausa no saguão e passa as mãos pelo casaco de lã azul-marinho. Há uma energia nervosa pulsando ao seu redor. A nova coleção será muito comentada, e Alice sente seus nervos se agitarem. Por que ela está tão ansiosa? Ela se vira e olha para um dos espelhos pendurados na parede, imenso e imaculado, e tenta responder à própria pergunta, apenas para se questionar novamente. Como uma garota que sempre se contentou com galochas velhas e um casaco de lona enlameado estava agora na Dior, em Paris, vestindo uma das peças do próprio estilista? Ela examina o impecável cabelo escuro bem cortado. O sutil tom nude do batom em sua boca. As pérolas clássicas.

Alice é conduzida a uma estreita cadeira dourada na primeira fila e sente que todos ao redor a estão observando. Devem estar avaliando, sem dúvida, se ela escolheu os acessórios certos para complementar o visual de Dior como deveria. Ela até consegue sentir um ar de inveja envenenando o ambiente, emanado por todas as mulheres que pensam que Alice conseguiu aquele assento na mesa da primeira fileira com muita facilidade. O que elas sabem? Alice se senta rapidamente, aliviada após concluir seu próprio desfile pelo salão. Ela abre um sorriso, esperando que pareça genuíno. As cadeiras ao seu lado ainda não foram ocupadas, então ela começa a folhear o programa do desfile, levantando a cabeça a cada poucos minutos, na esperança de ter um raro vislumbre das famosas modelos Dior nos macacões brancos que usam nos bastidores antes de pisar na faixa do sofisticado tapete cor de creme à sua frente — o palco delas naquela manhã.

Ela se pergunta qual dos croquis no programa será o primeiro a sentar-se à sua mesa de jantar. Desvia os olhos do brilho dos holofotes e do lustre acima. O calor crescente sobe por seu pescoço a cada minuto que passa, e, ainda assim, o desfile não começa. As cadeiras começam a ser ocupadas, e corpos se amontoam ao redor da sala, perto das janelas, onde há espaço apenas para pessoas de pé. Alice sente a densa fumaça de cigarro arranhando o fundo da garganta e precisa se concentrar nas lindas nuvens de rosas e cravos marfim para manter a calma. Tira as luvas, sentindo o calor na palma das mãos, e, ao perceber que não pode mais sair, começa a entrar em pânico — o caminho está bloqueado por mulheres que ainda estão entrando. Alguém lhe entrega um leque de papel — que ela abre, desesperada por algum alívio nas bochechas — e um pequeno doce de fruta. Ela nunca mais cometerá o erro de chegar no horário marcado.

— Madame Ainsley, que bom vê-la de novo. — Uma mulher alta se senta graciosamente na cadeira à esquerda. Ela planejou a própria chegada muito melhor do que Alice. — Sou Delphine Lamar. Nós nos conhecemos no evento de boas-vindas algumas semanas atrás. É seu primeiro desfile da Dior? — Ela levanta uma sobrancelha. É evidente que há algo no comportamento de Alice que denuncia o fato.

— Sim. É impressionante, não é? — Alice sente-se grata pelo lembrete do nome da mulher. Ela conheceu muitos rostos novos nas últimas semanas.

— Demora um pouco para se acostumar com o circo. Vale a pena, evidentemente, mas, no futuro, chegando cerca de quarenta minutos atrasada, você estará no horário. — A mulher lhe dá um sorriso solidário. — Diga-me, como está sua busca por uma empregada? Lembro que estava com dificuldades. Se ainda não tiver encontrado, acho que consigo ajudar.

— Obrigada. Todas as que vi são extremamente qualificadas e experientes. Tenho certeza de que poderia contratar

qualquer uma delas e não me decepcionaria, mas ainda não senti uma conexão particular com ninguém. Talvez eu esteja sendo muito exigente, mas...

— Ninguém pode acusá-la disso, não na sua posição.

— Talvez. — Alice retribui o sorriso, grata por Delphine não a considerar tola por querer uma conexão emocional com a mulher com quem vai passar a maior parte do seu tempo.

— Aqui. — Ela tira um pequeno bloco de notas com capa de couro de uma bolsa não muito maior, escreve um nome e um número no papel e o entrega a Alice. — Marianne foi altamente recomendada pela esposa de outro diplomata sênior. O marido dela serviu três anos em Paris, e agora estão sendo enviados para o Oriente Médio e não poderão levar Marianne. Mas, caso se interesse, terá de ser rápida. Eles a adoram, e outros também já devem estar de olho nela. Eu mesma a contrataria se tivesse uma vaga. — Ela se inclina um pouco mais para perto de Alice. — Pensei em você imediatamente. Marianne é metade britânica e entenderá suas preferências e necessidades sem que você precise dar muitas explicações.

— Obrigada. — Alice pega o número de bom grado. — Entrarei em contato assim que possível.

Delphine se distrai com a chegada de outra convidada, e Alice volta sua atenção para as conversas ao redor sobre compras em Milão, esqui em St. Moritz e os itens essenciais do guarda-roupa para essas ocasiões. Há mulheres esticando o pescoço para enxergar acima dos chapéus à frente, pessoas se levantando e sentando novamente, e acenando para amigos que chegaram tarde, garantindo que também sejam vistas.

Cerca de trinta minutos depois, quando o locutor chama o nome e o número da primeira modelo, o silêncio felizmente se faz, e Alice sente que pode respirar com tranquilidade outra vez.



— Marianne, muito obrigada por ter vindo e em tão pouco tempo. Agradeço. — Alice faz um gesto sinalizando para que ela se sente na cadeira do lado oposto da mesa. — Posso pedir a Patrice um café para você?

— Obrigada. Mas prefiro chá, por favor. *English breakfast*, se tiver. — Ela sorri, sabendo que é óbvio que Alice o terá.

— Certamente. — Patrice assente e desaparece pela porta da biblioteca, deixando as duas mulheres sozinhas. — Delphine, madame Lamar, mencionou que você é metade inglesa?

— Sim, minha mãe conheceu meu pai em Londres quando ele estava lá a negócios, e eles se casaram pouco depois. Por isso acabei passando muito tempo nos dois lados do canal. Creio que sou a mistura perfeita de ambas as culturas. Sempre pontual, bem britânica, e sem medo de dizer não, tipicamente francesa. — Marianne se permitiu uma risadinha, para mostrar a Alice que ela não estava se levando muito a sério. — Trouxe algumas referências.

— Parece que você poderia ser de grande ajuda por aqui. — Alice observa Marianne mais atentamente enquanto ela está pegando os papéis que mencionou dentro da bolsa. A mulher está empoleirada na beira da cadeira, quase sem tocar no assento, com as costas perfeitamente eretas, os ombros relaxados, parecendo não se intimidar com facilidade. Ela parece natural e à vontade. — Que outros conselhos essenciais você pode me oferecer, Marianne, já que está anos à minha frente no que diz respeito a conciliar as peculiaridades de ambas as nacionalidades?

— Pela minha experiência, os franceses são incapazes de se autodepreciar e não vão entender isso em você. Mas eles esperam que os britânicos sejam frios e talvez um pouco distantes, então é sempre maravilhoso surpreendê-los não sendo nada disso. Da mesma forma, provavelmente é melhor não cair no preconceito comum de que os franceses têm uma moralidade questionável e são propensos à arrogância.



— Ela faz uma pausa antes de acrescentar: — Embora, para ser sincera, a maioria seja.

A porta da biblioteca se abre outra vez.

— Ah, nosso chá. — Mas não é Patrice, e sim o marido de Alice, Albert, que inesperadamente se junta a elas. — Ah, Albert, desculpe, acho que mencionei, estou no meio de uma entrevista...

Albert a ignora, atravessa o cômodo a passos largos e começa a puxar livros de uma prateleira, jogando-os um a um sobre uma mesa lateral com um baque pesado depois de uma olhada rápida.

— Ah, pelo amor de Deus — vocifera ele —, alguém pode organizar isto de uma forma que seja realmente útil?

Marianne olha para Albert com o rosto inexpressivo, depois de volta para Alice com a mesma rapidez, esperando continuar apesar da interrupção. Alice percebe como os olhos dela se voltam para o seu casaco de lã acinturado.

— Você gosta de moda, Marianne?

— Acho que seria impossível morar em Paris e não gostar. Não tenho condições de adquirir as peças, mas uma hora com a *Vogue* é uma ótima maneira de se sentir inspirada e se manter atualizada. A senhora tem um estilista favorito, madame Ainsley?

— Bem, eu nunca precisei de um antes...

— Onde está?! — grita Albert em um volume que nenhuma das duas consegue continuar a ignorar.

— Posso ajudar, Albert? — Alice tenta disfarçar a irritação na voz.

— A antologia da coleção de artes do governo, sei que está aqui em algum lugar. Estão me questionando sobre o conteúdo da minha própria casa, e seria útil se as pessoas colocassem as coisas de volta onde as encontraram.

— Terceira prateleira do fundo, senhor. O maior dos livros de capa dura. — Patrice retornou com o café e uma solução para a grosseria de Albert.

Ele localiza o livro, deixando todos os outros espalhados sobre a mesa, e sai sem dizer uma palavra de agradecimento, fazendo as bochechas de Alice esquentarem.

— Quem você sugere, Marianne? Quem deve ser meu favorito?

— Christian Dior. — A resposta vem sem um instante de hesitação. E, se a pergunta tivesse sido concebida como um teste, Marianne certamente teria passado. Alice concorda, mas, com vários estilistas competindo para tê-la como cliente, fica muito feliz com a resposta objetiva. — Naturalmente, ele é adorado pelos franceses, mas é também um anglófilo inveterado. A senhora estará em boa companhia. Nancy Mitford e Margot Fonteyn são clientes dele. E é claro que a senhora deve se recordar do vestido usado pela princesa Margaret em seu aniversário de vinte e um anos. Todo aquele tule! Se puder, dê uma olhada nas imagens do primeiro desfile dele em Londres, no ano passado, no Hotel Savoy. A *Vogue* fez a cobertura.

— Que sugestão brilhante, Marianne. — Alice olha para as referências do antigo empregador da moça, ainda intocadas na mesa à sua frente. — Quando você poderia começar?

— Quando for melhor para a senhora. — As duas mulheres se levantam instintivamente e se esticam sobre a mesa para apertar as mãos. — Mas, por favor, me chame de Anne. É como os mais próximos me chamam.

# CAPÍTULO 1

Lucille

Quinta-feira

Outubro de 2017, Londres

**E**u poderia me sentir frustrada por estar aqui. Muitas mulheres da minha idade se sentiriam assim. Essa tarefa, aos olhos delas, ficaria no fim de uma lista de afazeres, logo abaixo de *pedir comida on-line e limpar o banheiro*. Todo o resto seria riscado com satisfação, mas esse item seria adiado para a semana seguinte, talvez até mesmo a posterior. Uma nova lista seria feita, e a tarefa continuaria no final.

Mas visitar minha avó é, honestamente, o ponto alto da minha semana, todas as semanas. Fico ansiosa por esse momento da mesma maneira que outras mulheres esperam por um coquetel ou uma hora no banho sozinhas. Eu amo mais do que qualquer outra pessoa neste planeta. Vovó Sylvie viveu mais experiências do que se possa imaginar. Em duas horas de bate-papo, podemos pular do primeiro episódio de *The Archers* para o pouso na Lua, passando pela morte de Elvis e pela coroação da rainha da Inglaterra.

Até hoje ela me surpreende. Como naquela vez, há uns dois meses, quando sugeriu que jogássemos uma partida

de xadrez. Eu sabia da existência do tabuleiro, enfiado num canto de sua sala de estar, em cima de uma elegante mesa com as pernas meio curvas, mas, para minha vergonha, sempre imaginara que fosse do meu avô e ela só não suportasse a ideia de se desfazer dele.

Ela levou cerca de doze minutos para me vencer, com a mente três jogadas à frente, enquanto eu ainda estava apenas me aquecendo. Então, ela pode parecer velha — e digo *parecer* porque certamente não acho que ela se sinta assim —, mas sua mente é afiada como uma navalha. Por mais improvável que pareça, eu preciso me preparar bem para visitar minha avó.

Fico parada, sem ser notada, examinando-a por alguns minutos e imaginando que cena estaria se passando atrás dos olhos fechados dela. Como sempre, está sentada em sua poltrona favorita, perto da lareira, cujas chamas cintilam no broche de libélula que ela nunca tira. Eu me pergunto se, em vez de olhar, não deveria correr para puxá-la para trás antes que o cobertor de crochê enrolado em seu colo se incendeie com uma brasa. As mãos delicadas, com as unhas como sempre bem cuidadas, estão segurando os braços da poltrona de madeira, mas ela está com a cabeça relaxada para trás e tem um leve sorriso pintado nos lábios. Eu me pergunto para onde seu subconsciente a levou hoje. De volta às semanas fugazes na Paris do pós-guerra, quando ela conheceu meu avô? Ou talvez àquela tarde quente de verão em que se casou com ele em uma minúscula igreja do interior da Inglaterra? Sobre a cornija da lareira, há uma fotografia em preto e branco dos dois se beijando. Eu costumava achar que era uma escolha estranha para um porta-retrato. Na foto, meu avô está de costas para a câmera, ligeiramente inclinado sobre ela. Mas ele sempre insistiu que era sua foto favorita daquele dia. Ela está com os olhos bem abertos, brilhando de alegria, e ri enquanto o beija como se não acreditasse na própria sorte.

Silenciosamente, tiro o gorro de lã e as luvas, colocando-os sobre uma pequena mesa redonda de cavalete perto da porta da sala por onde entrei. Apesar de todo o meu esforço, o barulho das chaves faz com que ela abra a pálpebra direita. É a única parte de seu corpo que se move. Parece um cão de guarda à espreita, decidindo se precisa mostrar os dentes. Sua boca relaxa em um sorriso quando ela vê que sou eu. O sorriso vai ficando mais aberto, mais carinhoso, e, quando chego ao lado dela, é como se eu estivesse olhando para o sol.

— Lucille, minha querida. Venha sentar comigo. Feliz aniversário! — Ela começa a se levantar na cadeira, e eu me aproximo para ajudar. Assim que a abraço, lembro que quase não tem mais músculos. É toda feita de camadas de roupas quentes, e sinto meu aperto diminuir enquanto meus dedos procuram por algo sólido sob a lã. Tento não pensar na única batalha que essa mulher incrível e obstinada jamais vencerá: a do seu espírito contra a força do tempo à qual seu corpo um dia, em breve, sucumbirá.

Eu me inclino e dou um beijo em sua testa lisa, que, apesar do calor do fogo, parece fria sob meus lábios, e sorrio ao ver a marca de batom que deixo ali. Ela cheira a fumaça de madeira e o perfume mais delicado de campânulas, a fragrância que usa desde que sou capaz de me lembrar.

— Como está, vovó? Está bem agasalhada? Natasha esteve aqui outra vez esta manhã? — Natasha é a senhora que ajuda vovó. O que começou com apenas uma limpeza cresceu com o passar dos anos, e agora vovó precisa da ajuda dela para tomar banho, se vestir e preparar todas as refeições do dia, antes que Natasha volte à noite para arrumá-la para dormir. Minha mãe paga a conta, mas faço questão de visitá-la pelo menos três vezes por semana.

— Ah, não se importe com isso. Meu Deus, qual é a sensação de ter trinta e dois anos? — As palavras saem trêmulas,

a entonação subindo e descendo com pouco controle. Seus pequenos olhos castanhos estão lacrimejando, e ela pega um lenço de papel para enxugá-los.

Apesar do tamanho generoso da sala, vovó organizou tudo de que precisa em um raio de dois metros, reduzindo-a efetivamente ao pequeno semicírculo em torno do fogo. Há livros, copos, um pequeno prato de porcelana cheio de migalhas de biscoito reveladoras, o controle remoto da TV, o telefone, um bloco de notas e uma caneta.

— Bem, não posso dizer que me sinto muito diferente de ontem, mas... — Retiro algumas revistas de um pufe baixo e quadrado a seus pés e sento-me nele, segurando a mão dela. — Olhe, trouxe um pedaço de bolo de aniversário para você. — Mostro a ela uma fatia embrulhada em um guardanapo.

— Ela comprou um bolo de aniversário para você? — Minha avó fica tensa em antecipação à minha resposta.

— Eu fiz o bolo, vovó.

Dou um sorriso exagerado, esperando que ela se concentre em meus esforços na cozinha e não...

— Você fez seu próprio bolo de aniversário? Ela lembrou este ano? — Seu sorriso está diminuindo.

— Ela é muito ocupada, nós sabemos disso. Eu não estava esperando por nada. Sinceramente, não tem problema.

Desembrulho o bolo e o coloco no prato de biscoitos. É preciso dizer que minha mãe nunca se esqueceu de um horário no cabeleireiro. A *balayage* dela parece sempre renovada de uma semana para a outra. Ela nunca está desatualizada com as notícias da manhã. É o tipo de mulher que já traçou a estratégia do dia antes de os pés tocarem nos chinelos de pelica que ela deixa cuidadosamente posicionados ao lado da cama toda noite.

— Um cartão? — Vovó não vai desistir.

— Hmmm, não.

— Uma ligação? — Ai, essa conversa não vai dar certo.

— Ainda não — tento falar em um tom alegre. — Ela vai acabar ligando, vovó, você sabe que vai, quando tiver um momento livre.

— Ah, essa Genevieve.

Ela solta um suspiro irritado enquanto inclina a cabeça e desvia o olhar de volta para o fogo, como se o fato de que minha própria mãe, muito provavelmente, esqueceu meu aniversário pelo quinto ano consecutivo fosse culpa dela de alguma forma.

— Não tem importância mesmo, sabe. — Pareço mais otimista do que sinceramente me sinto. — Ela está viajando a trabalho de novo e nunca sabe muito bem em que fuso horário deveria estar, não é?

Ela olha para mim com o rosto carregado de decepção.

— Você merece muito mais, Lucille.

Mereço? Não consigo pensar em uma única coisa que me destaque como especial ou mais merecedora de amor e atenção do que qualquer outra pessoa. Houve um momento fugaz, bem no início do relacionamento com meu último namorado, Billy, em que me perguntei se talvez algo assim pudesse acontecer. Se eu poderia me sentir como o centro do mundo de alguém por um tempo. Se poderia acordar com a mão quente de alguém na minha coxa, uma xícara de chá recém-feita na mesa de cabeceira, um sorriso que dissesse *eu quero o que você quiser desta vida*. Mas a realidade era muito mais mundana do que isso, e decidi administrar minhas próprias expectativas diminuindo-as drasticamente. Eu não esperaria por gestos românticos. Massagearia meu próprio ego, algo que nunca soube fazer muito bem.

Sentindo que o momento pede uma injeção de ânimo, vovó bate palmas.

— O envelope. Em cima da lareira, querida. — Ela aponta para um cartão com meu nome rabiscado na frente.

— É para você. — Abro e vejo o vale-presente da livraria de que ela sabe que eu gosto.

Mas, dentro do envelope, também encontro um cartão ilustrado com a foto de um hotel elegante e, na parte inferior, o nome Hôtel Plaza Athénée. Começo a ler.

*Feliz aniversário, minha querida Lucille! Você está de partida para uma aventura em Paris. Visite lugares. Faça coisas. Conheça pessoas. E traga para casa algo valioso para mim — algo que desejo ter de volta há muitos anos.*

*Com amor, sempre,  
sua avó Sylvie*

Termino de ler, e meus olhos se voltam diretamente para ela. Ela está sentada, sorrindo descaradamente para mim, como se tivesse sido mais esperta do que um agente secreto.

— O que isso quer dizer, vovó?

Eu não devo estar lendo direito. Ela não pode estar se referindo a Paris de verdade.

— Acho que quer dizer que você vai para Paris. — Ela está realmente rindo agora. — Olhe! — Ela aponta para a mesa lateral, onde há um envelope com a palavra “Eurostar” impressa na frente.

— Mas eu não posso, eu... — Pego o envelope, tiro a passagem de trem de dentro dele e imediatamente vejo a data de partida. Amanhã. Sexta-feira.

Por um momento comovente, me pergunto se ela pretende ir comigo. Mas é claro que não. Faltam poucas semanas para ela completar noventa anos, e minha avó raramente sai do triângulo seguro formado por sua cabana em Wimbledon Common, a igreja e o clube local aonde vai para participar da noite de cinema e conversar sobre livros.



— Não posso. Tenho o trabalho e... Ah, não, não quero que desperdice seu dinheiro, vovó. Verificou se pode obter um reembolso ou pelo menos alterar a data?

— Não tenho intenção de pedir reembolso. Natasha reservou para mim, e duvido que ela tenha parado para perguntar sobre isso. — Vovó faz um gesto de desdém com a mão.

Sabe que me pegou e que a vitória é dela.

— Então, quer que eu vá para Paris? Sozinha?

Talvez uma viagem solo seja exatamente o que eu preciso. Algum tempo para pensar sobre o que estou fazendo da vida e me fazer as perguntas difíceis que venho evitando. Ou talvez não? Talvez eu só precise de alguns dias sem pensar em nada.

— Essa é a ideia! Sim, eu quero! — E, ao dizer isso, ela dá um soquinho no ar.

Olho novamente para o cartão. Há trinta e dois “x” embaixo do nome dela, representando um beijo para cada ano de minha vida, o que deve ter levado algum tempo, considerando a dificuldade que ela tem de segurar uma caneta hoje em dia.

Talvez tudo isso seja um plano bem bolado dela. Levar Lucille para Paris, libertá-la de seu casulo. Não deixar que ela passe mais um aniversário pedindo comida e assistindo Netflix (como se fosse possível haver algo de errado com isso). Jogá-la nos braços de algum belo francês. Infelizmente, ela está esquecendo que não sou abençoada com os mesmos traços perfeitamente simétricos que ela ou a cintura de violão ou o tipo de confiança que parece irradiar dos retratos em preto e branco em cima da lareira.

Sentindo que não estou levando a ideia muito a sério, de repente ela aperta minha mão com mais força.

— Eu *preciso* que você vá. Tem algo que quero que faça por mim, Lucille.

Seja o que for, sei que vou dizer sim. Eu a adoro. Faria qualquer coisa para deixá-la feliz no tempo que nos resta juntas.

— Tem um vestido, o Maxim's, que foi desenhado por Dior. Eu o emprestei para uma querida amiga há muitos anos e, agora que ela faleceu, adoraria tê-lo de volta. A filha dessa amiga, Véronique, está com ele. Escrevi o endereço dela no verso do cartão. Rua Volney, 10, apartamento 6. — Quando vovó quer, sua memória pode ser bastante impressionante. — Ela está esperando por você.

— Um vestido Dior? De Christian Dior?

Vovó sempre teve um estilo incrível, mantendo cuidadosamente uma paleta sutil de preto, azul-marinho profundo, cremes e caramelos suaves, nunca usando acessórios ou maquiagem em excesso. Mas é muito difícil imaginar uma peça de alta-costura valiosa ao lado dos blazers, vestidos e malhas simples porém elegantes, que estão pendurados no seu guarda-roupa agora, um lugar onde uma peça de caxemira poderia parecer uma extravagância desnecessária.

— Sim, o próprio — ela não diz isso para ostentar, apenas para afirmar um fato, algo perfeitamente lógico.

— Mas como você conseguiu um vestido Dior? Deve custar...

— Uma enorme quantia de dinheiro, sim, mas não vamos ser indelicadas quanto a isso, Lucille. A questão é que quero tocar no vestido outra vez. É muito mais valioso para mim do que qualquer preço que você possa atribuir a ele. Agora, você tem uma reserva para ficar por duas noites, mas não me importarei nem um pouco se prolongar sua estadia. Na verdade, adoraria que fizesse isso. — O tom dela deixa claro que não há espaço para qualquer nova discussão sobre o assunto.

E, assim, sem mais nem menos, parece que vou para Paris amanhã. Meu sorriso confirma a decisão. Quão difícil pode ser? Pegar o vestido, fazer alguns breves passeios turísticos, me perder um pouco na Cidade do Amor, parecer ser muito mais aventureira nas redes sociais do que realmente

sou e voltar para casa. Começo a contar mentalmente todas as férias vencidas que tenho no trabalho enquanto vejo vovó levar o bolo à boca e dar uma grande mordida cheia de satisfação, os olhos deslizando em minha direção, celebrando o sucesso calculado que acabou de alcançar.

Uma coisa é certa. Isso vai além de simplesmente pegar um vestido de volta, um vestido que ela não deve estar planejando usar de novo tantos anos depois. É apenas uma roupa, ainda que seja muito bem-feita. Essa Véronique não poderia simplesmente enviá-lo pelo correio? Vovó está tramando alguma. Disso tenho certeza.



E foi assim que acabei no vagão C do trem das três e quinze, de St. Pancras a Paris, em uma tarde de sexta-feira, comemorando meu aniversário com uma taça de espumante e uma *éclair*. Como as manchetes dos jornais estão um pouco sem graça — o príncipe Harry está fora do mercado, Kate e William têm um terceiro bebê a caminho —, relaxo em meu assento durante duas deliciosas horas sozinha com o livro *Melancia*, de Marian Keyes, antes de, com trinta e seis horas de atraso, receber a mensagem de texto da minha mãe.

Sim, esta mensagem está atrasada, eu sei, mas por um bom motivo. Tenho pensado muito sobre o que comprar para você este ano. E, como não posso concorrer com Paris, deposei algum dinheiro em sua conta. Mais do que o normal. Compre a coisa mais chique que encontrar.

Vovó deve ter ligado para ela. Não consigo deixar de notar que ela ainda não usou as palavras “feliz aniversário”.

Ela ficará decepcionada, mas não tenho certeza se vou comprar algo chique em Paris. Gosto de me vestir para as poucas viagens que faço com o conforto em mente — algo que minha mãe nunca entendeu. Ela não considera problema algum embarcar em um avião com uma saia-lápis que desafia a circulação e meia-calça com costura atrás. Eu prefiro calça de moletom, camadas soltas e ficar sem sutiã, mas com um top para manter as coisas no lugar. Duvido seriamente que minha mãe alguma vez tenha pronunciado a palavra “moletom”. A simples sugestão de que ela poderia ter uma calça esportiva seria profundamente ofensiva. Lembro-me da última vez que a encontrei fora de seu escritório depois do trabalho. É claro que ela foi a última a sair, ignorando completamente o horário combinado para o nosso encontro. Quando enfim apareceu, percebi que estava usando o mesmo uniforme corporativo que todas as outras mulheres que saíram antes dela, só que parecia mais caro, para adequar-se à sua posição. Era tudo andrógino, um mar de mulheres desprovidas de cor e feminilidade. Tanto preto! Nem mesmo suas bolsas podiam ser bonitas: grandes caixas sérias com correntes e tachas de metal ou feitas de pele de animal grotescamente tingida. Parecem mais armas do que acessórios. Eu adoraria ver minha mãe surgir como uma borboleta entre as vespas, mas não. Para ser um deles, é preciso se parecer com eles. Que deprimente. Não pude deixar de pensar que aquelas mulheres deveriam representar sucesso, riqueza e conquistas, mas, naquele dia, eu soube que não queria fazer parte daquela conformidade. Talvez eu devesse ter me sentido esquisita, parada ali usando uma saia de chiffon creme esvoaçante que a maioria das mulheres guardaria para o dia de Natal. Mas, observando-as sair do prédio como uma fileira de formigas operárias idênticas, eu me senti apenas livre.

Dito isso, estamos em Paris, então, naturalmente, eu me esforcei mais. Coloquei uma camisa Breton recém-passada que não tem certeza se quer ser masculina ou feminina, metade para dentro e metade para fora dos jeans mais elegantes que tenho, aqueles que ficam bem acima do quadril. E me senti bem no trem. Não havia nada me incomodando ou cortando minha silhueta na cintura, mas, quando o trem para na Gare du Nord e me vejo em meio a um mar de passageiros bem-vestidos no começo da noite, seria capaz de matar por um par de óculos escuros. Não que alguém em Paris me conheça, mas preciso do manto do anonimato imediato. Apenas no caso de alguém se perguntar quem é aquela mulher levando uma mala com rodinhas surradas e duas mochilas da WHSmith pelo saguão elegante.



Como algo tão uniformemente cinza pode ser tão bonito? No início da noite, Paris está pintada pelos últimos raios de luz do dia, como se alguém tivesse diminuído a luminosidade das lâmpadas de toda a cidade. Prédios residenciais elegantes que se estendem por todo o quarteirão têm fileiras de janelas idênticas com venezianas creme, a regularidade quebrada apenas pelas imponentes portas de pé-direito duplo em vermelho forte, verde-acinzentado profundo ou preto brilhante. Tudo parece espremido com muita força. Algumas das paredes de pedra escurecidas por anos de sujeira e poluição acumuladas são vizinhas de boutiques de moda imaculadas cujas vitrines atraem os primeiros compradores de Natal. Uma delas exhibe doces enormes que reproduzem pontos turísticos famosos de Paris — Notre-Dame, o Arco do Triunfo e a Torre Eiffel — e manequins em vestidos de festa.

Enquanto procuro por um táxi, as varandas de ferro torneado acima de mim dão uma ideia do dia parisiense que está chegando ao fim. Sete andares acima, vejo uma bicicleta pendurada pela roda dianteira. Ela provavelmente ficará ali até o dia seguinte, quando será arrastada de volta para baixo para o trajeto até o trabalho. Há um homem solitário, vestido todo de preto, que paira acima da cidade, fumando e olhando para o horizonte desbotado como se estivesse trabalhando em seu último poema. Uma mulher com botas pretas de cano curto e saltos altíssimos segura uma taça de vinho em uma mão e o telefone na outra — provocando o amante, imagino.

Por insistência e às custas da vovó, ficarei hospedada no hotel do cartão, o Plaza Athénée, que, segundo ela, fica “bem em frente à Dior” — não que eu planeje passar qualquer tempo por lá. Enquanto meu táxi atravessa a cidade congestionada da hora do rush, vejo que as avenidas arborizadas já estão desfolhadas e folhas bronzeadas cobrem as pedras do calçamento. Turistas lutam por espaço entre os moradores estressados, com pressa na volta do trabalho, e as construções intermináveis, que parecem estar cavando um buraco no coração da capital francesa. Grandes espaços se abrem onde ruas comerciais poderiam ter florescido, desviando-nos alguns quarteirões da rota. Enquanto estamos presos em um conjunto de semáforos temporários, fico olhando para o local onde um edifício foi eliminado, deixando apenas um arco histórico que parece agarrar-se desafiadoramente à vida enquanto tudo ao redor é demolido. Há uma colcha de retalhos de edifícios envoltos em coberturas temporárias enquanto são transformados pelos andares de baixo — como se fossem os maiores presentes de Natal do mundo, esperando pacientemente para serem desembulhados e admirados.

Quando paramos em frente ao Athénée, lembro-me das palavras de despedida de vovó, *procure pelas persianas vermelhas*, e no instante seguinte as vejo. Cada uma das

janelas que dão para a avenida Montaigne — e deve haver pelo menos cinquenta — tem uma persiana vermelha, e o efeito é tão bonito que me faz parar no meio da calçada quando saio do táxi. Em seguida, um carregador aparece e diz “Bem-vinda à avenida da moda”, e eu observo com algum alívio enquanto minhas malas rasgadas e sujas são arrastadas para longe de mim.



Agora estou sentada na beira da minha suntuosa cama de dossel duplo, em um quarto cheio de cravos vermelhos, sentindo como se um milhão de possibilidades estivessem voando pelo ar do lado de fora da minha janela. Como se eu fosse capaz de colher um pouco daquela sorte para mim caso eu saísse para a varanda da minha enorme suíte. Só Deus sabe como vovó consegue bancar essa estadia. Estou bem acima da loucura das ruas parisienses, com o som das buzinas, o ruído da cidade, os carros avançando lentamente e bem próximos uns dos outros. Aqui em cima, à beira das estrelas, tudo parece leve. Eu quero me aventurar. Quero ser *aquela* mulher. Aquela mulher que joga a mala em cima da cama e vai para uma cidade estrangeira sem saber ao certo para onde está indo, mas sabendo que será emocionante.

Desta vez, e não digo isso levemente, preciso incorporar um pouco de minha mãe. Ela estaria na recepção agora, com um mapa aberto no balcão, sem se importar com o tamanho da fila que poderia estar se formando atrás dela, exigindo uma lista do melhor que a cidade tem a oferecer. Por que não estou fazendo isso? Eu quero, quero mesmo. Talvez porque eu não saiba como. Meu mundo de repente parece surpreendentemente pequeno. Sinto-me perdida nesta cidade estrangeira.

Posso começar com as coisas fáceis. Vou ligar para o serviço de quarto e pedir um *croque monsieur*. Depois, preciso

enviar uma mensagem para Véronique e verificar se ela está disponível para um encontro esta noite. Tenho que pensar na logística.

Enquanto percorro o extenso menu de jantar no quarto, algo corrói o fundo da minha mente: a expressão no rosto da vovó no dia anterior enquanto falava sobre Paris. A maneira como os olhos dela se iluminaram enquanto falava sobre o hotel, como se o conhecesse muito bem. Por que nunca me preocupei em saber mais sobre o pouco tempo que ela passou ali com meu avô? Juro que vou perguntar a ela quando voltar.



Não há ninguém que Lucille adore mais do que sua amada avó Sylvie, então, quando ela pede sua ajuda para resolver um assunto pendente, a neta fica feliz em atendê-la. O que ela não esperava é que sua missão fosse recuperar um inestimável vestido Dior em Paris. Mas nem tudo é o que parece, e agora Lucille precisa percorrer a cidade à procura de respostas.

Durante essa aventura, a jovem se depara com um mistério muito maior do que esperava. As pistas contidas no vestido a levam para a Paris de 1952, época em que o glamour e a moda franceses estavam vivendo o seu auge, e, de repente, Lucille se vê envolta no passado de Alice Ainsley.

Esposa do embaixador britânico, Alice tem como única função manter as aparências — mesmo que não concorde com isso. Seu marido não deixa que lhe faltem joias, banquetes e vestidos de alta-costura, mas o que ela realmente quer é se sentir amada e desejada. Com o casamento em ruínas, o único conforto de Alice é a amizade de sua empregada de confiança, Marianne. Mas, quando uma pessoa inesperada surge em sua sala de estar, Alice sente que precisa seguir seu coração... não importam as consequências.

Lucille e Alice vivem em épocas completamente diferentes, mas, de alguma forma, seus caminhos se cruzam. A conexão entre elas é mais forte do que se pode imaginar, e apenas um vestido Dior é capaz de trazer à tona segredos que vão mudar a vida das duas.

### **SAIBA MAIS:**

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1236/>